

O critério do verum-factum de Vico e seus antecedentes escolásticos e medievais

Andrey Ivanov

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

IVANOV, A. O critério do verum-factum de Vico e seus antecedentes escolásticos e medievais. In: LOMONACO, F., HUMBERTO, G., and SILVA NETO, S.A., eds. *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2018, pp. 245-253. ISBN: 978-65-86084-22-1.
<http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-469-8>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O critério do *verum-factum* de Vico e seus antecedentes escolásticos e medievais

Andrey Ivanov*

1. O critério do *verum-factum*

A resposta de Vico ao problema do conhecimento encontra-se especialmente na dissertação filológica *De antiquissima italarum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda*, de 1710. Nessa obra, temos as bases da sua teoria do conhecimento:¹ os antigos italianos (os latinos) consideravam que o verdadeiro (*verum*) e o feito (*factum*) são o mesmo. Assim escreve Vico:

Os termos latinos *verum* e *factum* são recíprocos [correlativos], ou, para usar uma expressão difundida nas escolas, 'convertem-se' [...]. Daí conjecturar-se que os antigos estudiosos italianos consentiam nisto: que o verdadeiro é ele próprio o feito.²

O problema do conhecimento é, portanto, respondido com a tese *verum ipsum factum* (o verdadeiro é ele próprio o feito), ou com sua homônima *verum et factum converti* (o verdadeiro e o feito convertem-se).³ Vico chega, nesse sentido, a uma conclusão: *veri criterium ac regulam ipsum esse fecisse* (o critério e a norma do verdadeiro é tê-lo

* Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da *Universidade Estadual Paulista (UNESP)*.

¹ FERNANDEZ, J. M. S. L'argomentazione storica del criterio *verum-factum*. Considerazioni metodologiche, epistemologiche e ontologiche. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Vol.XVI, Napoli, 1986, p.307.

² VICO, G. Dell'antichissima sapienza italiana da dedursi dalle origini della lingua latina. In: _____. *Opere*. Organização de Fausto Nicolini. Milano-Nápoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1953, I, 1 (de agora em diante *De ant.*).

³ *De ant.*, loc. cit.

feito).⁴ *Factum* não significa aqui uma coisa (um acontecimento ou um ente) oferecida à mente do homem, mas o ato cognoscitivo dessa mesma mente.⁵

O *De antiquissima* nasce da reação anticartesiana de Vico.⁶ Ele argumenta, contra Descartes, que a noção clara e distinta não pode ser o critério do verdadeiro. Conhecer significa possuir a forma, isto é, a maneira pela qual se produz o ato cognoscitivo de uma coisa, a gênese do seu conhecimento.⁷ Na compreensão das causas estão contidas todas as maneiras, a saber, as formas das coisas. Essa compreensão é o primeiro verdadeiro (*primum verum*), assim designado porque compreende todas as causas; e porque compreende todas, é infinito; mas, antes, porque compreende todas, precede o corpo, do qual é a causa, sendo por isso espiritual; em suma, ele é em Deus.⁸ Eis como Vico articula essa noção no capítulo dedicado ao *verum-factum*:

Daí conjecturar-se que os antigos estudiosos italianos consentiam nisto: que o verdadeiro é ele próprio o feito; que, entretanto, o primeiro verdadeiro é em Deus, porque Deus é o primeiro autor; que [o primeiro verdadeiro] é infinito, porque é o autor de tudo; que é perfeitíssimo, porque lhe representa tanto os elementos extrínsecos quanto intrínsecos das coisas, pois os contém. Ora, conhecer é reunir os elementos das coisas; donde ser próprio da mente humana o pensamento [*cogitatio*] e da mente divina, o entendimento [*intelligentia*].⁹

E, mais adiante, continua:

⁴ *De ant.*, I, 2.

⁵ MONDOLFO, R. *Verum factum desde antes de Vico hasta Marx*. Tradução espanhola de Oberdan Caletti. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores, 1971, p.21-22.

⁶ FERNANDEZ, 1986, p.317.

⁷ *De ant.*, I, 3.

⁸ *De ant.*, I, 4.

⁹ Imediatamente, na sequência, Vico explica esta distinção entre o pensar, que é próprio da mente humana, e o entender, que pertence à mente divina: “Quanto a este fato, Deus reúne todos os elementos das coisas, tanto extrínsecos quanto intrínsecos, que contém e ordena; a mente humana, que por ser limitada estão fora dela todas as outras coisas que não são ela mesma, reúne somente as coisas remotas, nunca todas elas; assim pois, decerto pode pensar sobre as coisas, não pode entendê-las; por isso, participa da razão, não está na posse dela.” (*De ant.*, I, 4)

Assim como o verdadeiro divino é o que Deus, enquanto conhece ordena e gera, assim o verdadeiro humano é o que o homem, enquanto conhece reúne do mesmo modo e faz. A ciência [*scientia*] corresponde ao conhecimento da gênese, isto é, da maneira pela qual as coisas são feitas, por meio da qual a mente, enquanto conhece deste modo, por reunir os elementos, faz a coisa.¹⁰

O primeiro verdadeiro de Descartes, ou melhor, o *cogito: ergo sum*, a consciência do pensamento (*conscientia cogitandi*) era, para ele, a certeza inabalável, firme, a partir da qual se adquiria o conhecimento relativo ao ente. Dessa consciência, nascia a certeza (*certitudo*), o conhecimento certo sobre o ente. Assim, esse primeiro verdadeiro distingue os dogmáticos (cartesianos) dos céticos. O cético não duvida, com efeito, do seu pensamento nem da sua própria existência; ele suspende o juízo em favor do cuidado com sua vida prática; ele entende que sua certeza do pensamento não é ciência (*scientia*), mas consciência (*conscientia*), isto é, conhecimento comum (*vulgaris cognitionis*), que acontece a qualquer homem insipiente; contudo, ele ignora as causas do pensamento, isto é, a maneira pela qual se faz o pensamento.¹¹ Como diz o próprio Vico: “A noção clara e distinta não pode ser o critério da própria mente, menos ainda das coisas verdadeiras restantes; pois, enquanto a mente conhece a si mesma, não faz a si mesma; e não fazendo a si mesma, ignora a gênese ou a maneira pela qual conhece a si mesma”.¹² “O pensar não é causa daquilo que seja a mente, mas sinal [da mente]”.¹³ O cético negará, portanto, ao dogmático que se adquira, a partir da consciência do pensamento, o conhecimento relativo ao ente; pois, conhecer, para ele, é conhecer as causas que originam as coisas.¹⁴

Vico estende também sua crítica aos céticos. Eles tornam conhecido o que lhes aparece, mas ignoram quais são suas causas; admitem, pois, os efeitos, e admitindo-os concedem que esses têm suas

¹⁰ *De ant.*, I, 1.

¹¹ *De ant.*, I, 3.

¹² *De ant.*, I, 2.

¹³ *De ant.*, I, 3.

¹⁴ *De ant.*, loc. cit.

causas, mas negam conhecê-las, porque ignoram a gênese das coisas, isto é, suas formas, pelas quais cada uma é feita.

Esse conhecimento das causas, que os céticos declaram ignorar, é, segundo Vico, o primeiro verdadeiro; ele é Deus, mas esse Deus que os cristãos dão a conhecer. Na comparação com o critério desse verdadeiro é que devemos medir todo verdadeiro humano. Pois,

as coisas verdadeiras humanas são aquelas que nós mesmos nos formamos [*fingamus*] os elementos, que contemos interiormente, e que prolongamos ao infinito por meio de postulados; com eles construímos [*componimus*] as coisas verdadeiras, e construindo, conhecemos, fazemos; e por causa de tudo isso, possuímos a gênese ou forma pela qual fazemos.¹⁵

Contudo, nem sempre há identidade do conhecer com o fazer; ou melhor, nem sempre há identidade do verdadeiro com o feito. Os antigos italianos consideravam que o verdadeiro se converte com o feito porque: (1) pensavam que o mundo é eterno e (2) veneravam um Deus operante apenas exteriormente (*ad extra*). Essas duas noções foram negadas pela teologia cristã. Vico explica quanto ao *verum-factum* que

na nossa religião, em que professamos o mundo como criado no tempo a partir do nada [*ex nihilo*] [...] o verdadeiro criado se converte com o feito e o verdadeiro incriado, com o gerado. Assim como as páginas sagradas chamaram, com elegância verdadeiramente divina, de *Verbum* à sabedoria de Deus, que contém em si as noções de todas as coisas e, portanto, as noções de todos os elementos; nele, o verdadeiro e a compreensão de todos os elementos são o mesmo, cuja compreensão reúne a totalidade das coisas; e conforme Deus as conhece na sua onipotência divina, surge o verbo real perfeitíssimo, que, conhecido eternamente [*ab aeterno*] pelo Pai, foi gerado por ele eternamente.¹⁶

¹⁵ *De ant.*, I, 4.

¹⁶ *De ant.*, I, 1.

Desta forma, Vico faz a distinção entre o verdadeiro criado e o verdadeiro incriado. O verdadeiro criado converte-se com o feito ou criação de Deus, que fez todas as coisas a partir do nada. O verdadeiro incriado converte-se com o gerado pelo Pai. Enquanto conhecido eternamente por Deus, é gerado eternamente por ele. É a sabedoria de Deus, palavra real e mais perfeita, o primeiro verdadeiro (de que falamos acima).

2. Os antecedentes escolásticos e medievais

Há uma ampla herança de estudos a respeito das possíveis fontes de Vico. Todavia, a literatura referente às fontes escolásticas e medievais é escassa. É em relação a essas fontes, que consideraremos o tema da unidade entre conhecer e fazer na reconstrução das origens viquianas.

Assim, Giovanni Gentile, no seu estudo *Svolgimento della filosofia viquiana*,¹⁷ fala dos precursores de Vico, pondo em relevo a ligação de Vico com os filósofos italianos neoplatônicos ou neoplatonizantes dos Séculos XV e XVI (Marsilio Ficino, Pico della Mirandola, Cardano, Campanella, Giordano Bruno), sobretudo com Marsilio Ficino na equação entre conhecer e fazer. Rodolfo Mondolfo busca, para além da perspectiva de Gentile, essa equação nas fontes do próprio Ficino, especialmente em Filon de Alexandria. Ficino declarou ter realizado estudos sobre Filon e todos os platônicos e neoplatônicos antigos. Mondolfo encontra no tratado filoniano *Quod Deus sit immutabilis* a teoria da unidade entre conhecer e fazer aplicada aos planos divino e humano.¹⁸ Mas nada autoriza a dizer que Filon tenha sido uma fonte direta de Vico.

Filon introduziu a noção, extraída do texto bíblico, de que Deus é palavra criadora. Em Deus não há distinção entre pensar, falar e fazer; quando Deus pensa, faz ontologicamente: “Não dirá uma única palavra que não se cumpra firmemente, porque para ele [Deus] a palavra é ação” (*De vita Moysis* I, 51, 283). “Pois Deus, enquanto pronunciou [o mundo], o criou, sem intervalo de tempo entre ambas as ações. [...] sua

¹⁷ GENTILE, G. *Studi vichiani*. Firenze: Sansoni, 1968.

¹⁸ MONDOLFO, 1971, p.17. Cf. ISNARDI PARENTE, M. Il Vico e il pre-Vico di Rodolfo Mondolfo. *Bolettino del Centro di Studi Vichiani*, Napoli, vol.VII, 1977, p.73.

palavra era a ação” (*De sacrificiis Abelis et Caini*, 18, 65). O pensar-falar-fazer de Deus é o *Logos* (razão/palavra). Filon chamou-o de “sabedoria de Deus”, “filho primogênito do Pai incriado”. O termo *Logos* (em latim, *Verbum*) foi adotado no evangelho joanino para indicar a segunda pessoa da Trindade (Jo 1, 14.).

No que tange às fontes escolásticas e medievais, o próprio Vico oferece algumas pistas na *Autobiografia*, escrita entre 1725 e 1728. Ele menciona os estudos de filosofia escolástica e de Suárez na sua formação, isto é, no seu primeiro aprendizado filosófico em Nápoles com base no ensino de Antonio del Balzo, um nominalista, e de Giuseppe Ricci, um seguidor de Duns Scoto e zenonista, e com base no estudo da *Metaphysica* de Suárez, ou em um dos manuais das escolas de que se serviam os jesuítas.¹⁹ Sua predileção pelo ensino do Pe. Ricci foi um presságio da sua futura predileção pela filosofia platônica, da qual, diz ele, entre os sistemas escolásticos, o scotismo é o que mais se aproxima. Uma indicação mais consistente diz respeito ao seu prolongado estudo do texto de Suárez.

Sobre a ligação de Vico com Tomás de Aquino e o tomismo, Benedetto Croce conclui, valendo-se não somente dos textos de Tomás, mas apoiando-se também no teólogo Jaime Balmes, que o critério do *verum-factum* não é tomista. Se esse critério não é encontrado no tomismo, poderia ao menos ser encontrado em outros endereços da escolástica ou da filosofia medieval. Para ele, não parece que Vico tenha tido familiaridade ou simpatia com o tomismo; ele vislumbra, no entanto, vestígios da escolástica scotista no *De antiquissima*.²⁰ De maneira oposta, Karl Löwith afirma a influência de Tomás e do tomismo sobre o critério do *verum-factum*. Esse critério nascera da doutrina de Agostinho de que Deus, conhecendo, cria; em Deus, conhecer e fazer são o mesmo. Essa doutrina teria como base a noção do *Logos*. Sem a premissa cristã e teológica de que, em Deus, conhecer e fazer são idênticos, pois sua palavra é criadora, e de que o homem é semelhante a Deus, o critério viquiano seria desprovido

¹⁹ VASOLI, C. Vico, Tommaso d'Aquino e il tomismo. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Napoli, vol. IV, 1974, p.10.

²⁰ CROCE, B. Le fonti della gnosiologia vichiana. In: _____. *Saggio sullo Hegel seguito da altri scritti di storia della filosofia*. Bari: Laterza, 1913, p.245, 247.

de fundamento metafísico.²¹ Sob outra perspectiva, Cesare Vasoli considera que, nos escritos de Vico, existem poucas e insignificantes referências a Tomás. Nada permitiria supor que Vico tenha lido Tomás, bem como qualquer outro filósofo medieval, à exceção de Agostinho que comparece na obra viquiana. Não obstante, o tomismo do Século XVII identificava-se em larga medida com as doutrinas de Suárez e de outros mestres da segunda escolástica (Bañez, Molina, Zuñiga, Vasquez, Arriaga, Oviedo). Devido à atuação desses mestres, o tomismo continuou vivo e foi o fundamento de um sistema de educação filosófica nas escolas jesuítas.²²

Para completar, caberia uma anotação final. Em pelo menos dois temas, Tomás fala do ato do intelecto como um fazer. O primeiro tema diz respeito ao conhecimento divino. Tomás compara esse conhecimento com aquele que o artista tem da sua obra: “O conhecimento divino, da maneira que se refere às coisas, compara-se ao conhecimento do artista pelo fato de que ele é causa de todas as coisas, assim como a arte é [causa] das obras. Ora, o artista conhece a obra por meio da forma da arte que ele possui em si, segundo a qual produz a obra” (*De veritate*, q. 2, a. 5.). “A forma da arte no artista é o modelo ou ideia da obra, e igualmente também a forma que está fora do artista, à imitação da qual ele faz algo” (*De veritate*, q. 3, a. 1). Há, portanto, duas formas exemplares para o artista: uma, que ele produz na sua própria mente, e outra, que está fora dele. Também, com referência aos fins das artes, há algumas artes cujo fim é a representação; por exemplo: “Hércules é o fim da imagem que [o poeta] faz para representá-lo” (*Summa theologiae*, I^a, q. 103, a. 2, ad 2.).

O segundo tema concerne ao intelecto agente. A esse respeito, o intelecto humano, por si mesmo, está em potência para inteligir. Por isso, é chamado de intelecto “possível” (*Summa theologiae*, I^a, q. 87, a. 1). Deve, pois, ser movido pelo inteligível, e assim

é necessário que deste modo o inteligível seja feito pelo intelecto. E, como aquilo que está em potência a algo não pode produzi-lo, é necessário

²¹ Cf. LÖWITH, K. *Verum et factum convertuntur: le premesse teologiche del principio di Vico e le loro conseguenze secolari*. In: AAVV. *Omaggio a Vico*. Napoli: Morano, p.73-112, 1968.

²² VASOLI, 1974, p.10; 12-13.

supor, além do intelecto possível, o intelecto agente, que torne os inteligíveis em ato que movem o intelecto possível (*De anima*, q. 4).

Ele os produz por abstração da matéria e de todas as condições materiais individuantes. Tomás utiliza frequentemente o verbo *facere* para designar a operação do intelecto agente.

Vê-se imediatamente que o *factum* – o inteligível em ato – não tem relação com o *factum* viquiano. É possível notar, no entanto, alguma analogia desse último com a forma da arte no artista ou com a representação no poeta, em Tomás.

Referências

Obras de Vico

VICO, G. Dell'antichissima sapienza italica da dedursi dalle origini dela lingua latina (*De ant.*). In: _____. *Opere*. Organização de Fausto Nicolini. Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1953, p.243-308.

VICO, G. Autobiografia (*Vita*). In: _____. *Opere*. Organização de Fausto Nicolini. Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1953, p.3-106.

Outras obras

BERLIN, I. As ideias filosóficas de Giambattista Vico. In: _____. *Vico e Herder*. Tradução portuguesa de Juan Antônio Gili Sobrinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1972, p.20-130.

CROCE, B. Le fonti della gnosiologia vichiana. In: _____. *Saggio sullo Hegel seguito da altri scritti di storia della filosofia*. Bari: Laterza, 1913, p.241-268.

FERNANDEZ, J. M. S. L'argomentazione storica del criterio *verum-factum*. Considerazioni metodologiche, epistemologiche e ontologiche. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, XVI, Napoli, p. 307-323, 1986.

GENTILE, G. *Studi vichiani*. Firenze: Sansoni, 1968.

GARIN, E. Giambattista Vico. In: _____. *Storia della filosofia italiana*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1966, v.2, p.920-954.

ISNARDI PARENTE, M. Il Vico e il pre-Vico di Rodolfo Mondolfo. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Napoli, vol. VII, p.67-80, 1977.

LÖWITZ, K. Verum et factum convertuntur: le premesse teologiche del principio di Vico e le loro conseguenze secolari. In: AAVV. *Omaggio a Vico*. Napoli: Morano, p.73-112, 1968.

MONDOLFO, R. *Verum factum desde antes de Vico hasta Marx*. Tradução espanhola de Oberdan Caletti. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores, 1971.

RUSPOLI, E. Intencionalidad y producción em el conocimiento: um recorrido de Tomás de Aquino a Giambattista Vico. *Cuadernos Filología Italiana*, Madrid, v.2, p.221-229, 1995.

VASOLI, C. Vico, Tommaso d'Aquino e il tomismo. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Napoli, v.IV, p.5-35, 1974.